

PROPOSTA METODOLÓGICA PARA PESQUISA DE CAMPO EM ASSENTAMENTOS DE REFORMA AGRÁRIA.

Dulce Consuelo Andreatta Whitaker¹
Valéria Andreatta Whitaker²
Marinaldo Fernando de Souza³

1. Introdução

O conhecimento científico apresenta duas grandes características – entre muitas outras igualmente importantes, mas que não nos cabe situar aqui. Vamos situar essas duas características porque são elas que tornam difícil o acesso das pessoas comuns a seus patamares mais elevados. São elas, o caráter abstrato das suas formulações e a frequência com a qual esse conhecimento contraria as observações do senso comum e de outras formas de conhecimento.

Quanto mais avançada historicamente seja uma área do conhecimento científico, mais essas duas características se acentuam e mais acessível se tornam suas formulações. Mas antes de verificar como isso se dá em diferentes campos do saber, vejamos como se apresentam tais características, de modo geral, ao observador comum, curioso de compreender a complexidade do universo, ou as crises financeiras que afetam seu poder aquisitivo ou o avanço das doenças, ou a razão dos movimentos sociais, ou simplesmente a fórmula do seu sal de cozinha.

Em primeiro lugar, tudo que enxergamos, sem auxílio de equipamentos ou de teorias, se apresenta sob o manto das aparências. O objeto concreto que observamos resiste ao nosso olhar investigativo e não se desvela facilmente. Sua essência permanece invisível e por mais esforços que façamos para penetrá-lo, ele se mantém mudo, estático, a nos desafiar. O objeto é sempre o resultado de um conjunto de relações – em teias, ou redes complexas – átomos “grávidos” de partículas, frutas cheias de sais minerais, que por sua vez resultam de processos bioquímicos complexos... Assim, o

¹ Professora Dra. em Sociologia - Programa de Pós-graduação em Educação UNESP/FCLAr – Araraquara S.P., / UNIARA/NUPEDOR (sil.onofre@uol.com.br)

²Engenheira Agrônoma, Professora Dra. Pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional UNIARA Araraquara S.P. / NUPEDOR (valeriawhitaker@hotmail.com)

³ Psicólogo e Mestrando em Educação UNESP/FCLAr – Araraquara S.P. / NUPEDOR (mfpsi@hotmail.com)

sociólogo, trabalhando com interfaces, deve contemplar os movimentos sociais como processos complexos cheios de subjetividades em rede e de contradições insolúveis, tangidos por forças históricas inexoráveis.

O esforço hercúleo da ciência tem sido o de construir equipamentos que permitam captar alguns desses elementos invisíveis, produzir reações para libertar outros, ou elaborar teorias que expliquem adequadamente tanta complexidade, ainda que sejam relações fugidias, impenetráveis como buracos negros, hipotéticas partículas da física quântica, ou no caso das ciências humanas, as motivações pessoais e as grandes correntes históricas que dão sentido às mudanças sociais.

E quanto mais a ciência avança na construção dessas relações, mais se afasta do senso comum. E aqui já estamos falando dessa nossa segunda característica do conhecimento científico: sua quase incompatibilidade com as outras formas de conhecimento – conhecimentos obtidos ao longo do tempo, através de práticas culturais interessantes, a partir do pensamento religioso ou mágico, com bases em experiências eficazes (úteis portanto), mas que atuam como obstáculo epistemológico à compreensão das conquistas do universo científico.

Não se pode afirmar, como queria Francis Bacon, que o intelecto humano seja suficientemente contemplado com a capacidade de perceber tais complexidades. O que acontece é que a força das aparências se junta a modos de pensar arraigados pelo hábito, desde a primeira infância, quando a família e os adultos significativos “alimentam” a mente infantil com as representações sociais, que afinal orientam o cotidiano de nossas vidas (MOSCOVICI, 2004).

É claro que muitos conhecimentos científicos já foram incorporados a essas representações (MOSCOVICI, 1976), mas para serem adequados ao uso diário sofreram refrações, que os deformam e são até deixados de lado quando os velhíssimos modos de pensar e impõem. E aqui já adentramos a área dos preconceitos – obstáculos ao conhecimento dos mais atuantes, especialmente quando referidos ao mundo rural (WHITAKER, 2002).

Além disso, há idéias poéticas, imaginativas, criativas, que nos são claras e não devemos descartar. Por exemplo, um pôr-do-sol, (que na verdade não é um Sol se pondo em parte alguma, e sim um resultado sistêmico) é um momento de rara beleza e nem

mesmo o mais aplicado pesquisador em astronomia dirá que vai sair apenas para contemplar o momento em que a rotação do nosso planeta, em seu movimento de translação à volta do sol produz ausência de luz no fuso horário em que vive e plantou o seu jardim.

Há portanto representações sociais imaginativas, aromas inebriantes, cores deslumbrantes e não devemos “desencantar o mundo” a ponto de abandonar nossos sonhos e fantasias.

O argumento principal deste artigo é de que podemos e devemos manter a fascinação pela natureza, com metodologias apropriadas que nos permitam contemplar os fenômenos em suas caleidoscópicas e miraculosas inter-relações, o que nos permitirá manter e/ou desenvolver a veneração pela mãe-terra. Nosso segundo argumento é de que esse tipo de atitude é particularmente apropriado aos estudos rurais – mais especialmente à Sociologia Rural, uma vez que as relações sociais no campo são constantemente intermediadas pela complexidade dos fenômenos da natureza.

Ou seja, aquilo que aparece ao pesquisador como pobreza material ou simplicidade nos modos de vida, aquilo que surge como rusticidade, o caráter “bucólico” do rural em seu alegre despertar ao canto dos pássaros ou seu melancólico entardecer sem as luzes urbanas, é na realidade uma teia de relações complexas derivadas dos ecossistemas em suas relações com as culturas agrárias com seus fragmentos de resistência...

Precisamos portanto, para a compreensão do rural:

- a) superar a ideologia urbano-industrial que se autoproclama universal, tal como equacionado por Weber (2008);
- b) superar o reducionismo da ciência cartesiana que propõe estudar o fato social como coisa, síntese da proposta de Durkheim (1972);
- c) superar o positivismo, que fragmenta o real, pensando entender a natureza com base em recortes abstratos (CAPRA, 1981).

2. Assentamentos de Reforma Agrária: uma realidade complexa.

A introdução acima, um pouco longa e bastante geral, foi necessária para situar nosso ponto de vista sobre as possibilidades da transdisciplinaridade nos estudos sobre Reforma Agrária.

A primeira exigência para a prática de uma “nova ciência” tal como proposta por Morin (1993) e Capra (1982) – um antropólogo e outro físico – entre muitos outros, é criar metodologias apropriadas.

Não basta contemplar o fenômeno e tentar apreendê-lo teoricamente a partir das interfaces conhecidas pelo pesquisador. Já dissemos que o objeto “resiste” – não quer ser desvelado pelo movimento da razão. Além disso, a razão humana – não nos esqueçamos – está obstaculizada por toda sorte de preconceitos, advindos do senso comum, das representações sociais, das religiões e das subjetividades, singularidades e intenções pessoais.

Não podemos nos esquecer ainda de que a própria ciência é uma construção histórica e portanto contaminada pelas ideologias. Para que se compreenda tais processos, basta contemplar a história da medicina, com sua controvertida evolução de tratamentos, inspirados pelos avanços científicos de cada época (WHITAKER, 2007).

Assim, são as necessidades de cada época, dentro da totalidade histórica, avançando em teias complexas de relações, que determinam o tipo de pensamento científico que devemos desenvolver. O industrialismo continua praticando, estimulando e financiando largamente o reducionismo da Ciência cartesiana que serve para produzir tecnologia e devastar o planeta que pede socorro e exige uma outra Ciência (CAPRA, 1982) clamando por sustentabilidade e preservação do meio-ambiente.

É contemplando a natureza devastada que se percebe esse grito de socorro. Até mesmo o economista mais profundamente envolvido pelas razões de produtivismo, ou o agrônomo totalmente dedicado às necessidades do agronegócio concordará, ao contemplar os grandes cultivos (*plantations*) que a fragilidade da monocultura abre portas às pragas que afetam a produtividade pela qual tanto lutam. Basta pensar no “*greening*” que ameaça de extinção os grandes laranjais ou as pragas que assolam periodicamente grandes extensões de soja.

Quando se visita um assentamento de Reforma Agrária, no entanto, o que nos chama atenção é a produção em mosaico, o que foi bem documentado para os

assentamentos de Araraquara, por exemplo, por Whitaker e Fiamengue (2000) e por Nishikawa (2004) – em trabalhos que chamam atenção para as possibilidades de sustentabilidade, preservação e até recuperação de uma natureza que já havia sido devastada anteriormente pela prática de monocultura de eucaliptos (caso da Fazenda Monte Alegre).

Pesquisar assentamentos de Reforma Agrária portanto, exige, transcender as aparências da ilusória simplicidade observada pelo olhar urbanocêntrico e desvelar a pequena propriedade familiar produtora de alimentos, garantindo não só a segurança alimentar dos seus moradores, como a de muitos setores do seu entorno urbano, que exigem políticas públicas de distribuição de alimentos frescos, como a merenda escolar e os restaurantes populares – no caso de Araraquara estudados por Kuranaga, Botta Ferrante e Almeida (2008).

Mas é preciso transcender ainda este nível de análise e buscar a rede que liga o local ao global, percebendo relações geo-políticas que derivam da questão ainda mais ampla da Soberania Alimentar da região e do país diante do avanço das grandes corporações sobre o controle da produção de sementes (WHITAKER, 2008).

Desse ponto de vista sistêmico, uma aparentemente simples semente de soja transgênica é produto de relações dialéticas que podem ser desdobradas em incontáveis (e inconfessáveis) interesses internacionais e em contraponto, um simples lote de subsistência caracterizado pela diversidade envolve infinitas possibilidades ligadas ao controle biológico de pragas, à relação com matas nativas conservadas pelo pequeno produtor – à diversidade e rotação dos cultivos, tornando as plantas menos suscetíveis às disfunções sistêmicas.

Essas relações dadas pelo olhar agro-ecológico já são relativamente conhecidas, mas a natureza e a cultura são ainda mais complexas e aqui já estamos adentrando o campo da nova ciência com suas propostas de fenômenos em rede (a Teoria da Vida, seguindo Capra (200-)).

Necessitamos portanto, desenvolver metodologias apropriadas ao meio rural, para provar através dessas múltiplas relações, que os benefícios da Reforma Agrária vão muito além de avaliações produtivistas e até mesmo das avaliações extensionistas, ainda quando as propostas sejam agroecológicas. Ou seja, a Reforma Agrária se insere: num

nível macro, como exigência política de justiça social e democratização; num nível micro, como exigência para recuperação ambiental; e num nível sistêmico como exigência essencial à “teia da vida”.

Mas para que o pesquisador não seja acusado de ser apenas militante de esquerda ou o que é pior romântico e idealista, precisamos desenvolver e fornecer a ele pressupostos metodológicos ligados à nova ciência, com suas propostas de olhar poliocular - conceito criado por Morin (1993) - e que depende de interfaces e transdisciplinaridade.

Em nosso entender, e baseando-nos em nossas pesquisas em diferentes áreas, estabelecemos como base para essa metodologia que pode estruturar e operacionalizar esse olhar poliocular em uma tríade compreensiva: um olhar que vê, um olhar que sente e um olhar que reflete – estruturado a partir de interfaces que levam à transdisciplinaridade o que passamos a explicitar.

O olhar que vê faz a leitura compreensiva do espaço, com registros detalhados em diário de campo, utilizando para essa leitura as referências teóricas que dão conta das relações e não de partes do real. O olhar que sente acontece durante a re-leitura, que dá continuidade à análise já iniciada durante a coleta de dados (que pode estar sendo feita também a partir de outras técnicas, o que depende do tema da pesquisa). A releitura leva à emoção porque a memória do pesquisador é estimulada pela descrição compreensiva (NISHIKAWA, 2002).

Ao ler suas anotações em Diário de Campo o pesquisador evoca momentos de descoberta que pareciam naturais na situação de campo, mas que agora ganham novos significados e sugerem novas relações. É a própria investigação que avança tentando descobrir os meandros da teia sistêmica na qual inserem os fenômenos. Mas a emoção deve dar lugar à reflexão e o “olhar que reflete” realiza agora as reflexões sobre a própria reflexão, que já estava dada, desde o projeto de pesquisa.

Mas quais são as interfaces que enriquecem esses três olhares. Obviamente isso varia de caso a caso, mas na questão da Reforma Agrária, esse olhar parte do direito à vida. A questão dos Direitos Humanos é fundamental e é a partir do campo do Direito que se justifica a ocupação do espaço – o direito à vida implica o plantio de alimentos – fonte da vida e da sociabilidade (Sociologia em interface com a Biologia).

A proposta supõe então o envolvimento do pesquisador, já que não há neutralidade e nem a pseudo objetividade da superação entre sujeito e os temas por ele investigados. Assim diante das contradições e paradoxos que emergem a todo momento do real pesquisado emergem também os processos de contratransferência, que o pesquisador precisa assumir e administrar (o olhar que sente).

O processo da contratransferência⁴, originalmente identificado por Sigmund Freud em seus estudos Psicanalíticos, é amplamente utilizado para compreensão da relação entre o analista e cliente numa situação psicoterapêutica. Levando-se em conta sua descrição clássica, a contratransferência diz respeito às respostas emocionais do analista frente aos estímulos do analisando que atuam como obstáculo à compreensão dos fenômenos subjetivos; é uma forma de resistência inconsciente que também pode impedir o progresso e a credibilidade da psicanálise enquanto disciplina científica (LEITÃO, 2003).

A partir dessa descrição clássica, muitos autores aprofundaram a análise do fenômeno contratransferencial – da mente de quem sente e analisa – trazendo avanços e impactos significativos no campo teórico-prático da psicanálise. Não cabe aqui ressaltar todas as vertentes e tentativas explicativas produzidas até então, mas apenas apresentar o delineamento inicial realizado por Freud, que já nos permite expandir a percepção sobre os “pontos cegos” – limitações - do pesquisador em relação ao objeto a ser analisado ou da própria figura dos sujeitos a serem compreendidos - neste caso, o rural e o homem do campo. Desta forma, parafraseando Freud (1910), nenhum pesquisador avança para além do que permite suas próprias resistências, sendo necessária neste caso uma auto-análise contínua – de sua própria subjetividade e da complexidade que envolve os fenômenos sociais a serem pesquisados. Desta forma, caberá ao pesquisador frente aos obstáculos que lhes são comuns, realizar o constante exercício de *reflexividade – um olhar atento e flutuante sobre o olhar que olha; somente assim captaremos a realidade viva sem mutilá-la demais* (Morin, 1993).

Estamos então em pleno campo da Psicologia e quando o pesquisador pensa estar em estado de ilusão e autoengano, a natureza se impõe a ele com toda sua força e o

⁴ Freud não chega a elaborar uma teoria da contratransferência, porém a descreve ao longo de sua obra. A exemplo disso consultar os textos: “As perspectivas futuras da terapia psicanalítica” e “Análise terminável e interminável”, ambos de 1910.

olhar que reflete necessita das ciências ambientais (Ecologia: ciência integradora por excelência). O amor à natureza emerge da contemplação (o olhar que sente). Supera-se assim a velha regra do positivismo que nos aconselhava a ver fatos humanos como “coisas”. Neutraliza-se também o olhar do “estranho” e o pesquisador se integra à natureza e aos atores sociais que nela vivem, compreendendo suas motivações – sejam eles os assentados de Reforma Agrária, sejam os moradores de Parques e Reservas, sejam quilombolas, índios ou povos da Floresta. Finalmente, temos a dimensão aprazível, o lado bonito da natureza, captado também pela percepção poética; artes e valores ligados à religiosidade – espirituais, estéticos e emocionais – devem ser também considerados, não como obstáculos epistemológicos à compreensão científica, mas como fatores dignos de serem levados em conta por essa compreensão.

Superada, dessa forma, a visão urbanocêntrica, chega-se ao conhecimento científico despido de preconceitos e o rural se desvela como elemento fundante da teia da vida, pois é nele que se produz o alimento, fonte da vida e base do Sagrado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 1982.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos**. São Paulo: Cultrix, 1999.

DURKHEIM, Emile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1972.

KURANAGA, A. A., BOTTA FERRANTE, Vera L. S., CAMARGO DE ALMEIDA Luiz M. Direito do Campo: uma parceria bem sucedida entre assentados e poder local. In: BOTTA FERRANTE, Vera L. S. e WHITAKER, Dulce C. A. (orgs.). **Retratos de Assentamentos**. Araraquara: UNIARA/INCRA/NUPEDOR/CNPq, n.º. 11, 2008.

LEITÃO, Leopoldo G. **Contratransferência: Uma revisão na literatura do conceito**. Lisboa: Revista Análise Psicológica, ano 2, n.º XXI, p. 175-183, 2003.

MORIN, Edgar. Contrabandista dos saberes. In: PESSIS-PASTERNAK, G. (org) **Do caos à inteligência artificial**. São Paulo: editora Unesp, 1993.

_____, Edgar. **O Paradigma perdido: a natureza humana**. Portugal: Publicações Europa, s/d.

MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais: Investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2004.

_____, Serge. **La Psychanalyse, son image ET son public**. Paris: PUF, 1976.

NISHIKAWA, Ducleine L. L. **Levantamento das práticas sustentáveis nos assentamentos da Fazenda Monte Alegre na região de Araraquara – S. P.** – Dissertação de Mestrado em Ciências da Engenharia Ambiental, USP/São Carlos, 2004.

NISHIKAWA, Ducleine L. L. Diário de Campo: o registro da reconstrução da natureza e da cultura. In: WHITAKER, Dulce C. A. **Sociologia Rural: questões metodológicas emergentes**. Presidente Venceslau: Letras à Margem/CNPq, 2002.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

WHITAKER, Dulce C. A., FIAMENGUE, Elis C. Assentamentos de Reforma Agrária: Uma Possibilidade de Diversidade Agrícola. In: BOTTA FERRANTE, Vera L. S. (org.). **Retratos de Assentamentos**. Araraquara: Programa de Pós-graduação em Sociologia FCL/UNESP/NUPEDOR/CNPq. Ano VI, nº. 8, 2000. p. 19-31

WHITAKER, Dulce C. A. **Sociologia Rural: questões metodológicas emergentes**. Presidente Venceslau: Letras à Margem/CNPq, 2002.

_____, Dulce C. A. La question de la diversité dans les noyaux de reforme agraire: Araraquara/São Paulo. In: Marion Aubree et Sônia Maria Pereira Bergamasco. (Orgs). **Cahiers du Brésil Contemporain**, Paris CRBC, nº. 51 e 52, p. 239-256, 2003.

_____, Dulce C. A. & BEZZON, Lara C. **A Cultura e o Ecosistema: reflexões a partir de um diálogo**. Campinas: Ed Alínea, 2006.

_____, Dulce C. A. **Envelhecimento e poder: a posição dos idosos na contemporaneidade**. Campinas: Alínea, 2007.

_____, Dulce C. A. Soberania Alimentar e Assentamentos de Reforma Agrária. In: BOTTA FERRANTE, Vera L. S. e WHITAKER, Dulce C. A. (orgs.). **Reforma Agrária e Desenvolvimento**. Brasília: NEAD, p. 323-240, 2008.